



Plano-piloto ainda recebe a maioria dos investimentos

Hoje, quem chega a Brasília já não precisa passar por favelas, infectas e perigosas. A maioria — depois de visitar as belas obras arquitetônicas de Niemeyer, os jardins bem regados das superquadras, as bem iluminadas e asfaltadas avenidas que atravessam o Plano Piloto, o florido setor das mansões e da península dos ministros com suas bem nutridas moradias — vai embora sem saber que existe Ceilândia. Sem saber, mesmo, que Ceilândia, embora seja a pior e apenas uma das cidades-satélites, onde o cenário e a vida são bem diferentes da Brasília do plano de Lúcio Costa. No entanto, são nessas oito cidades-satélites que vivem mais de dois terços da população do Distrito Federal, restando para o Plano Piloto menos de 300 mil habitantes.

Esta semana, um comentarista de rádio local, ao chamar a atenção para os gastos públicos na construção de viadutos, estacionamentos, duplicação de avenidas e irrigação de jardins no Plano Piloto — enquanto as cidades-satélites continuam sem a indispensável infraestrutura — disse que Brasília tornava-se cada vez mais “uma ilha cercada de favelas por todos os lados”.

Os contrastes realmente existem. Em Ceilândia 45% das famílias ganham menos de um salário mínimo e no Plano Piloto apenas 0,64% das famílias estão nesta situação. Por outro lado, 89% das famílias do Plano ganham mais de três salários, enquanto em Ceilândia essas “famílias privilegiadas” não chegam a 15%.

A renda “per capita” no Plano Piloto é oito vezes maior do que a renda “per capita” de Ceilândia, onde a taxa de mortalidade é três vezes superior à do Plano Piloto. Na totalidade dos óbitos, 65% são de crianças entre zero e cinco anos. Já no Plano Piloto essa taxa não chega a 21%.

O número de óbitos causados por doenças transmissíveis em Ceilândia é de 342 por mil e, no plano, é de 47. A taxa de mortes por falta de condições de saneamento em Ceilândia é 14 vezes superior à do Plano Piloto.

O número de mortes evitáveis por imunização é igual

a zero no Plano, uma vez que toda a população é vacinada. Já em Ceilândia, em 1974, apenas 30% dos menores haviam sido vacinados contra difteria, tétano, coqueluche e poliomielite, e 17% haviam recebido a anti-varíola. Essa falta de assistência médica e sanitária numa cidade que não possui nenhum hospital explica porque 56% dos óbitos de Ceilândia foram causados por diarreias, pneumopatias e problemas perinatais.

Noventa e três por cento da população de Ceilândia ainda moram em barracos de madeira, enquanto este tipo de habitação é proibida no Plano. Todas as crianças do Plano têm escolas, parques e jardins na proximidade de suas casas, mas em Ceilândia, em 1974, mais de um terço das crianças entre sete e 14 anos não encontraram vagas nas escolas da cidade.

DESPREPARO

Os problemas de Ceilândia não são apenas os estru-

turais. Seus habitantes são em grande parte analfabetos e sem nenhum preparo profissional. Cerca de 48% estão empregados em profissões ligadas à construção civil, 29% são biscateiros e 23% são comerciantes, funcionários públicos, mecânicos e motoristas. Originários de meio rural ou pequenas cidades do Nordeste, Minas e Goiás, eles frequentemente são vítimas de todo tipo de exploração.

O pior, em Ceilândia, é a especulação imobiliária. A posse de lotes já está valendo Cr\$ 30.000,00, uma soma capaz de transformar em realidade o sonho de muitos moradores, que é voltar à terra natal. No entanto, as famílias vendem seus barracos, partem e algum tempo depois retornam à Ceilândia em situação ainda pior, uma vez que são obrigados a alugar um outro barraco, por preços que muitas vezes equivale à metade de seu salário.

CASAMENTOS -

No exterior, 20 anos de tradição, documentos legalizados por Itamaraty. R. Lisboa, 393 - J. AMÉRICA - Fone: 282-7771.